

E se as Escolas Aprendessem com as Escolas de Samba?

Jorge Ferreira da Silva
Fátima Cunha Ferreira Pinto*

Nota: A seção Página Aberta se caracteriza pela relativa liberdade de formulação, maior simplicidade de estilo e menor formalidade na estruturação do texto. Dessa maneira, é o lugar ideal nesta revista para a análise de questões controversas, a discussão de pontos polêmicos, a apresentação de novas orientações, a introdução de novos temas, a exploração de alternativas e a indicação de novos caminhos. Num certo sentido, é uma porta para o avanço e a novidade.

Em nenhuma edição, porém, de Ensaio tivemos a ousadia de publicar material que reunisse seriedade e descontração como o que aparece neste número.

As escolas são um tema, digamos, clássico desta publicação. Esse, contudo, não é o caso das escolas de samba, talvez a mais genuinamente brasileira das nossas instituições. O intercâmbio entre elas tem ficado no plano da superficialidade e até recentemente, quando se deram os primeiros passos em experiências como a da Mangueira, viviam em galáxias separadas por anos-luz.

Não é despropositado, portanto, reuni-las e explorar uma troca. E ninguém melhor do que os próprios editores para se submeterem ao teste, insinuando a urgência de uma discussão mais aberta (como a Página pretende), que examine possibilidades de aprendizagem mútua entre as instituições de que dispomos.

Entendendo mais de si mesmo, sensível à sua cultura, orgulhoso de sua originalidade, o país certamente poderá se preparar adequadamente para o mundo da globalização. Significa continuar essencial e solidamente brasileiro e fazer-se simultaneamente mundial. Mudanças profundas respeitam a tradição e graças a isso movem corações e mentes, penetram o tecido da sociedade e duram por muito tempo. Olhar para o umbigo do país, ao menos de vez em quando, é necessário, abre a mente e reconforta o coração. A escola tem que mudar e rápido, mas precisa e deve fazê-lo sem perder a marca de brasileira. Como fizeram e fazem as escolas de samba todos os anos, ao som dos tamborins e ao rufar de seus tambores.

(*) Os autores são Doutores em Educação. Jorge Ferreira da Silva é Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Coordenador do Fórum Educação – Cidadania – Sociedade da Fundação CESGRANRIO. Fátima Cunha Ferreira Pinto é Assessora de Projetos Especiais da mesma Fundação e Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF).

RESUMO

Os autores refletem sobre a possibilidade de as escolas tomarem como exemplo as escolas de samba para a sua transformação. Partindo de que, no passado, os sambistas buscaram prestígio na imagem das escolas, o trabalho considera que, hoje, pode-se inverter a direção e recorrer à experiência das escolas de samba para solucionar os atuais problemas das escolas, moldando-as e adaptando-as para que possam realizar as necessárias mudanças na nossa realidade educacional.

Embora Noel tenha dito que samba não se aprende na escola, as escolas de samba já estão na passarela, no Sambódromo. Entra ano, sai ano, e o desfile volta a acontecer, apaixonando os brasileiros, encantando os turistas, desafiando a mídia e até levando os intelectuais a se aventurarem em explicações sobre o Brasil.

Lá pelo final da década de 20, o samba continuava sendo caso de polícia. Sua batida diferente, porém, já tinha sido registrada na famosa gravação do "Pelo telefone", recentemente recriada por Gilberto Gil. Os blocos, os ranchos e as Grandes Sociedades é que desfilavam no carnaval. Um certo dia, ali na Praça 11, com um jeito apenas ligeiramente diferente do dos ranchos, aparece a Deixa Falar, a primeira agremiação com o nome de escola de samba.

Se samba se aprende fora da escola, por que as escolas de samba são chamadas de escolas? Trata-se de uma questão – que nos perdoem os especialistas – de geografia. É que perto da Deixa Falar, a instituição ou o prédio mais conhecido era o da antiga Escola Normal. De Escola Normal para a escola de samba foi um passo. Não sabemos se, nas redondezas da Deixa Falar, existiam o atual Souza

Aguiar, a Central do Brasil ou o Instituto Médico Legal. O que importa é que ninguém tenha preferido chamar as novas associações de hospitais do samba, armazéns do samba ou igrejas do samba, para ficar nesses exemplos. Na falta de uma palavra nova, a decisão foi escolher a mesma designação do velho centro de formação das futuras professoras e anunciar provocativamente que pouco importava o que falassem, pois a Deixa Falar sabia bem o que era e o que pretendia e, digamos assim, não estava nem aí para a opinião ou o que pensassem os outros. Afinal, era tão boa que podia ensinar e seguramente por isso merecia ser, e era, uma escola.

A adoção da palavra *escola* não traz sinais de ter sido acidental. Tudo nos leva a crer que o termo possuía certo prestígio e, mesmo que auto-atribuído, dava *status*. Naquele tempo (parece linguagem bíblica, mas isso aconteceu só há 70 anos...), a escola era um ideal, um modelo, gozava de respeito, e daí, certamente, ter sido a denominação escolhida pelas e para as escolas de samba.

Hoje, não erraríamos muito ao dizer que houve uma inversão. As escolas perderam muito da sua imagem e do velho

charme, não se incluindo entre os mais autênticos objetos de desejo de cada um de nós. Na nossa realidade, agora, quem tem visibilidade, peso político, significação popular é a escola de samba.

Admitindo que esta é uma afirmação, na melhor das hipóteses, polêmica, não insistiremos. O que nos interessa é inverter o raciocínio. Isto é, se no passado a escola normal tinha algo a dar às escolas de samba, e certamente tinha, será que em nossos dias a escola de samba não tem algo a retribuir e a merecer consideração pelas escolas?

A resposta é claramente sim, e a primeira coisa a aprender é que, assim como "uma rosa é uma rosa é uma rosa", uma escola é uma escola é uma escola. Recordemos que a Deixa Falar pinçou da antiga Escola Normal somente aquilo que lhe servia e nada além. Dessa maneira, ainda que em fase inicial, a novíssima escola de samba definia, protegia e assegurava a própria identidade. O empréstimo da palavra escola não foi acompanhado da adoção do conceito de escola. Afinal escolas de samba não têm a mesma natureza, finalidade, missão, objetivos, concepção de uma escola. Escolas e escolas de samba são instituições com identidades distintas, que é preciso respeitar e preservar. Noutras palavras, aprender com as escolas de samba não deve ser entendido como copiar nem mesmo imitar as escolas de samba. E não é isso de nenhuma forma que se deve pedir nem esperar das escolas.

A segunda é o entendimento de que preservar a identidade não é a mesma coisa que congelar a identidade, mas

significa amadurecer a autocompreensão, crescer na qualidade do relacionamento com o meio e renovar-se continuamente. Melhor dizendo, é reinventar-se sucessivamente, ou seja, mudar para permanecer o mesmo, inteligentemente, sabiamente, habilmente, corajosamente. As embrionárias escolas de samba de décadas atrás, essencialmente comunitárias e apoiadas em tecnologias basicamente artesanais, cujos melhores exemplos eram a Mangueira e Portela, foram substituídas, na virada da década de 50 para a de 60, por escolas com notável presença da classe média, principalmente de segmentos com formação universitária, e passou a aplicar tecnologias mais exigentes e que presumem grande profissionalização. À frente de todas, o Salgueiro. Nos anos 70, com Joãozinho Trinta, entrou em cena a preocupação visual. Levadas aos extremos, as inovações da Beija-Flor geraram o mais que discutido envolvimento com a televisão. Hoje, os efeitos benéficos e outros menos positivos deste casamento são bastante conhecidos, mas não existe qualquer dúvida de que as escolas de samba continuarão mudando para poderem continuar as mesmas. A lição a extrair, aqui, é que nossas escolas precisam mudar permanentemente, sistematicamente, já, e sobretudo sem cessar. Precisam renovar-se, reinventar-se, refazer-se, para recuperarem o prestígio e *status* perdidos e ganharem a posição de que necessitam para cumprir suas funções e realizarem suas tarefas. Se não o fizerem, serão substituídas por outras instituições. Na realidade, a ameaça de não-educadores reivindicarem para si o que é próprio, ou deveria ser, dos educadores deixou de ser

uma questão acadêmica, para ser irremediavelmente um fato.

A terceira coisa a aprender é a mobilizar. Trabalhando com diversos públicos, as escolas de samba conseguiram pouco a pouco diferenciar seu relacionamento com cada um deles e, por isso, descobrir o que os motiva mais profundamente e, sempre que necessário, mobilizá-los adequadamente. Até onde se tem notícia, não se sabe de nenhuma escola de samba que não procure relacionar-se estreitamente com a comunidade mais próxima e com a sociedade de um modo geral, principalmente com seus pontos de maior influência, nem se sabe de nenhuma que tenha resistido ao passar do tempo sem manter em bons termos tal relação. O mesmo, infelizmente, ainda não pode ser dito da escola. Não é de agora que se afirma que a escola não está vinculada com a realidade e que, apesar de todos os avisos e a constantes reclamações, ela não se modifica. Teima repetidamente, embora creia o contrário, em ficar desatenta à realidade e de costas para a sociedade e, quem sabe, para o futuro. Uma relação, um relacionamento menos arrogante daria elementos para ouvir o mundo ao redor e condições para ser ela própria ouvida, e, daí, bases e gradativamente capacidade e competência para mobilizar concretamente a cidadania.

A quarta consideração é que, ao transformarem-se, as escolas de samba absorveram camadas cada vez mais amplas da sociedade, criaram pontos de apoio, deram nascimento a alianças e, com ousadia e critério, exploraram e incorporaram tecnologias crescentemente

mais avançadas. Isso, sempre, sem fazer corpo mole, ou criticar tudo e todos visando não mudar nada. A discussão não impediu que as escolas de samba empregassem moderníssimo equipamento de som para eliminar o antigo e irritante problema do atravessamento, que fazia com que as alas cantassem versos diferentes do samba-enredo num mesmo momento. Aliás, o equipamento de som na passarela é comumente usado por todas as escolas, como num consórcio de utilização de recursos. Fiquemos por aqui, mas anotemos que é evidente, a continuar o uso extensivo e intensivo de tecnologias artesanais no ensino que os problemas educacionais vão persistir por muito tempo. Conhecer as limitações e impropriedades das modernas tecnologias e, conseqüentemente, ter o cuidado de evitar ilusões descabidas quanto à sua possibilidade de êxito em todas as situações não pode produzir comportamentos de rejeição geral, pura e simples. A tecnologia contemporânea abre preciosas vias para o desenvolvimento pessoal e social. Basta ver com que admiração e eventual paixão as crianças, os jovens e, com certeza, a maioria de nós se relaciona com a informática, os computadores e seus prodígios.

O quinto ponto a salientar nesta breve análise é a captação e uso de recursos. Como se sabe, as fontes a que as escolas de samba têm recorrido nem sempre se encontram entre as mais respeitáveis. O que conta é que, todos os anos, paralelamente ao choramingo quanto à falta de apoio das autoridades, quer dizer, de verbas, de subsídios, de dinheiro, todas as escolas de samba, na verdade

todas as alas, se desdobram para obter patrocínios, conseguir doações, produzir recursos. Quando não se tem sucesso, reduz-se o nível de gastos, inventam-se soluções engenhosas, criam-se alternativas criativas, fazem-se milagre. A escola de samba tem de sair e da melhor forma possível. Os culpados, com ou sem aspas, precisam ser neutralizados ou afastados, porém nada pode servir de pretexto para a escola não desfilar com dignidade e beleza. Não é isso, contudo, que se verifica relativamente ao conjunto das escolas. Exceções à parte, há muito que criticar e muito por fazer nesta área.

Finalmente, as escolas de samba se profissionalizam ano a ano. Isto é, definem seu enredo e sob sua luz se organizam artística, profissional e emocionalmente para competir pelo primeiro lugar. Como todo mundo sabe, esse primeiro lugar é disputado palmo a palmo e só vem à tona depois do desfile, na chamada apuração. Mesmo que freqüentemente tumultuada e conquanto mereça críticas, um ponto marcante da apuração é que busca nivelar por cima e, numa visão retrospectiva, tem tido efeitos inegavelmente benéficos. Nas escolas, o equivalente do enredo é o projeto pedagógico e a apuração se transforma em avaliação.

O projeto pedagógico ainda não conquistou completamente o seu lugar, apesar de agora obrigatório pela nova LDB. Com mais experiência, porém, os projetos preencherão plenamente o seu papel, refletindo de maneira realista as aspirações e a vontade coletiva e permi-

tindo alcançar efetivamente objetivos substantivos. Quanto à avaliação, está nos primeiros estágios. Contudo, tem contribuído para mudar a orientação, reformular o ensino e alterar a demanda pelos cursos, especialmente no nível superior. É suficiente lembrar em tal sentido o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (o SAEB) e os provões.

Mas é necessário ir mais longe e saltar da profissionalização para o profissionalismo, o que depende em grande parte da mobilização dos corações e mentes dos diretores, professores e alunos, exige continuidade e requer confiança. Nas escolas, lamentavelmente, o profissionalismo anda um tanto ou quanto ausente. Com o tratamento que os professores vêm recebendo e com o que ganham como remuneração, dificilmente poderia ser diferente. Competência profissional, felizmente, não falta. No mundo atual, o campo da educação reúne o maior contingente e o melhor da capacidade de qualquer país. O que falta é pressionar a tecla ou teclas que mexam e incentivem a mais ação.

As escolas de samba começam daqui a pouco o desfile. Que sua magia anual encha os nossos olhos e nos encante como sempre. As escolas que não são de samba iniciaram o seu desfile deste ano faz alguns dias. Aplausos para elas, sem dúvida, que a despeito de tudo merecem, principalmente porque já estão começando a se transformar e a corresponder, assim, às mais belas esperanças de todos os brasileiros.

ABSTRACT

The authors discuss the possibility that schools consider the samba schools as a model for their own transformation. In the past, the samba schools looked at the schools for prestige. Today, the direction should be reversed, with schools using the experience of the samba schools to solve their current problems, molding and adjusting them to implement much needed changes in the Brazilian education.

RESUMEN

Los autores reflexionan sobre la posibilidad de que las escuelas tomen como ejemplo las escuelas de samba para su transformación. Partiendo de que, en el pasado, los sambistas buscaron prestigio en la imagen de las escuelas, el trabajo considera que, hoy se puede invertir la dirección y recurrir a la experiencia de las escuelas de samba para solucionar los actuales problemas de las escuelas moldándolas y adaptándolas para que puedan realizar los cambios necesarios en la realidad educativa brasileña.